

Globalização de mercados e homogeneização de culturas?

Market Globalization and Homogenization of Cultures?

Stella Borges

Resumo

Este texto pretende esboçar algumas críticas e questões sobre a globalização e a suposta homogeneização cultural advinda da mesma e propagada através do universo midiático, enfatizando como o nosso fazer acadêmico tem contribuído com esse fenômeno, na medida em que adotando ainda uma concepção tradicional de conhecimento científico (acadêmico) estabelecemos uma hierarquia de saberes, de forma excludente e elitizada. Postura essa que resulta das idéias que têm moldado nossa visão de mundo (ocidental) e que deve ser gradativamente superada e/ou relativizadas no cotidiano de nossas relações. O reconhecimento da importância social dos professores/facilitadores na leitura qualificada do "real", e, portanto na construção de um conhecimento que dê conta das necessidades deste século XXI, faz parte do processo de revolução paradigmática que queremos pensar aqui.

Palavras-chave: Globalização, educação, conhecimento.

Abstract

This work outlines some criticism and issues related to globalization and the cultural homogenization resulting from it and broadcast through the media universe. The way our academic activity has contributed to such phenomenon is underlined, since it still takes a traditional stance on scientific (academic) knowledge, thus establishing an excluding and elitist knowledge hierarchy. Such stance results from ideas that have shaped our (Western) worldview. It has to be gradually overcome and/or relativized in our day-to-day relations. The process of paradigm revolution intended here entails acknowledging the social relevance of teachers/facilitators for the insightful reading of the "real" and therefore in the construction of a kind of knowledge that encompasses the needs of this 21st century.

Key words: Globalization, education, knowledge.

Fazemos parte de um grupo integrado ao sistema, onde o tempo é acelerado e acaba por potencializar fenômenos cotidianos de uma lenta transformação cultural, também segmen-

tada. De um lado podemos contemplar atores envolvidos no processo de reconstrução cultural sob efeito da expansão de uma cultura globalizante. A globalização, em seus aspectos eco-

Stella Maris Araújo Borges é Mestre pela PUC/RS – Porto Alegre (1990), professora na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA-Canoas).

Endereço para correspondência: Rua Osvaldo Olmiro Machado, 33 – Fone/fax: 32482927 - e-mail: smab@via-rs.net

Texto originalmente apresentado no Simpósio 9.05 sobre "Historiografia na América-Latina", coordenado pelo Prof. Dr. Juan Manuel Santana Pérez, durante o X Congreso de la Federación Internacional de Estudios sobre América Latina y el Caribe. Moscú/2001.

Textura	Canoas	n. 6/7	mar.2002/mar.2003	p. 71-78
---------	--------	--------	-------------------	----------

nômicos ao visar a uniformização dos mercados, objetiva o consumo e busca a formação de espaços homogêneos; culturalmente ela permite o estabelecimento de uma circulação dos bens culturais em caráter mundial. Esta circulação tanto pode suscitar, de um lado, o reconhecimento da pluralidade, e de outro, novas formas de racismo e exclusão, viabilizando construções e reconstruções identitárias verticais, isto é, baseadas em novo modelo identificador, como por exemplo, o consumo, seja de mercadorias como de modos de vida. Porém, existe um outro grupo, um expressivo número de vidas humanas que estão fora desta cultura, fora deste tempo social, à margem desse processo.

Observamos a preocupação crescente das diversas ciências, especialmente as humanas, na produção e mapeamento do fenômeno da hipotética homogeneização de culturas. Esta preocupação vem justamente a partir do olhar de nós atores/cientistas, pois vivenciamos e incorporamos em maior medida este tempo social globalizante.

Gostaria de ressaltar exemplificando com recente produção historiográfica, o tema da globalização e seus efeitos nas diferentes culturas. Para tanto duas questões são importantes para o início de nossa reflexão: A importância da história imediata, como instrumento capaz de permitir nosso entendimento sobre os fenômenos atuais de eventual globalização. Perguntaríamos em que medida este fenômeno da globalização de fato abarca de forma global o conjunto cultural e o segundo aspecto de fundamental importância é de qual lugar observamos este “fenômeno”, ou seja, o que e quem consideramos globalizados ou globalizáveis?

Partindo de um exemplo pretendo situar um dos aspectos da problemática: Beatriz Sarlo (2000, p. 107) – discute e assume postura crítica frente à questão da “cultura de consumo”. Sobre a questão da identidade social, Sarlo afirma que como a cultura midiática converte imaginariamente, todos como iguais o consumo imaginário reforma a configuração identitária. Para Sarlo (p.107), obstáculo à homogeneização cultural “[...] são as desigualdades econômicas: todos os desejos tendem a assemelhar-se, mas nem todos os desejos têm as mesmas condições de realizarem-se”.

Será que os desejos humanos são unifor-

mes, assemelham-se? Ou será que o desejo do capital, especialmente do hegemônico mundo ocidental, é fantasiar (para o dominado), através da ideologia, um desejo único, e lógico, dentro da perspectiva linear e evolutiva do próprio modelo de dominação? Será que não somente, os nossos desejos de intelectuais burgueses tendem a assemelhar-se?

Ana Esther Ceceña (México) durante o 1º Fórum Social Mundial¹, tratando da questão Chiapas afirmou que o capitalismo produz múltiplas cercas – fronteiras, e que este modelo “rouba o sentido da vida”, pois com ele as identidades estão dispersas, não vinculadas através de pontes. Será que não é o modelo de racionalidade ocidental, que obviamente desenvolveu-se legitimando o modelo capitalista, o promotor da dispersão humana? E que, portanto acaba por provocar um sentimento de não pertencimento? Penso que a supremacia da razão científica acaba por potencializar a exclusão em larga escala promovida pelo modelo econômico nessa sua última versão.

Para Augè (1999), os ‘Não-lugares’ da supermodernidade (estes lugares limitados) dão forma a um paradoxo e uma contradição: colocam o indivíduo em contato com outros, pois circulam mais imagens, pessoas e coisas; mas também reduz o indivíduo a ele mesmo, tornando-o um espectador/testemunha da vida contemporânea. Nesta perspectiva vale dizer que o homem perdeu sua dimensão histórica, sendo um sujeito passivo do e no cotidiano. Esta perda é socialmente identificada, mesmo entre muitos intelectuais que sucumbiram a essa atitude, ao pensamento único neoliberal de que há apenas uma via.

Se refletirmos sobre como nós (ocidentais) construímos o nosso pensamento sobre nós mesmos e sobre os outros, poderemos aproximar essa versão do pensamento único do discurso da globalização com a lógica da razão iluminista, da racionalidade ocidental e do que decorre dela, como por exemplo, o chamado Conhecimento Científico – desde as ciências exatas, naturais e humanas. O problema é que não é possível pretender reproduzir o *status quo*, mesmo embora escrevendo sobre os excluídos

¹1º Fórum Social Mundial ocorrido em Janeiro de 2000 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul - Brasil



da história, se não rompermos com as bases míticas em que se assenta o pensamento ocidental, sobre o mundo e sobre si mesmo, elaborando uma crítica epistemológica que esteja em sintonia com uma prática científica coerente a ela.

Muito simplificada podemos verificar que os gregos, vivendo em uma sociedade estática preferiram a certeza da lógica para criar verdades, o esquema mental era verdadeiro ou falso, sim ou não. A partir do Século XII, a supremacia do poder da Igreja católica Apostólica Romana inventou um mundo de medo, pecado e culpa. Um mundo dicotomizado entre o bem e o mal, entre deus e o diabo, entre o certo e o errado que será ordenado através da punição real ou simbólica. Conforme a pedagogia desta igreja, a metodologia de ensino do cristianismo se fundamenta na punição e na morte de Cristo e não na sua vida! A ênfase maior na crucificação abandona a atitude de amor e tolerância e justifica a ação intolerante e dogmática da prática do cristianismo, imposta pela Igreja Católica. A Escolástica utilizava como método de expor as idéias filosóficas – a disputa – que deveria ser refutada ou defendida; portanto ser falsa ou verdadeira, além de ser competitiva e não cooperativa. Na Idade Média o pensamento estava subordinado ao princípio da autoridade – esta era teológica, sobretudo.

No antigo Regime, politicamente, a emergência dos Estados Nacionais impôs a ‘nacionalidade’ possível, aquela do Rei. A burguesia emergente, à frente destes processos fomentou novos valores.

O Renascimento trás de volta o ideal grego de busca e definição, a busca de verdades eternas, dos ideais absolutos e da ordem fixa. E a crítica ao período medieval é prática e teórica, culminando com a Reforma Protestante, baseada na idéia de liberdade de crença e de pensamento.

No período do Racionalismo Clássico a realidade é concebida como intrinsecamente racional e que pode ser plenamente captada pelas idéias e conceitos, o que prepara o ocidente para uma visão mecanicista do Universo propalada por Galileu (juntamente com Kepler que buscou a ordenação das esferas celestes em uma ordem perfeita), concebendo a realidade como um sistema racional de mecanismos físi-

cos, cuja estrutura é a matemática. Originou daí a ciência Clássica – a mecânica (o mundo todo é visto como um conjunto de relações necessárias de causa e efeito entre um ator e um espectador). Nasce o ideal de que o homem poderá dominar tecnicamente a natureza e a sociedade. A idéia de que a razão humana pode tudo, governar e dominar, conhecer a origem, enfim dissecar o mundo se estende também ao racionalismo político. E em grande medida continua hoje a ser o padrão do pensamento ocidental e das ciências. O pensamento ocidental submete-se ao princípio da autoridade científica.

O Iluminismo crê também nos poderes da razão (o homem - Burguês pode conquistar liberdade e a felicidade social e política; a razão é capaz de evolução e progresso; o aperfeiçoamento da razão se realiza pelo progresso das civilizações, que vão das mais atrasadas (‘primitivas’ – ‘selvagens’ -antigas e atuais colônias formais e institucionalizadas e as colônias simbólicas) às mais perfeitas e adiantadas (hoje Europa e EUA). Conforme Chauí (1997, p. 283) “A razão instrumental nasce quando o sujeito do conhecimento toma a decisão de que conhecer é dominar e controlar a natureza”. Neste momento o saber e o poder engendram-se mutuamente de uma forma nunca antes observada. Chauí (p.283) alerta para o fato ainda de que: “Na medida em que a razão se torna instrumental, a ciência vai deixando de ser uma forma de acesso aos conhecimentos verdadeiros para tornar-se um instrumento de dominação e exploração. Para que não seja percebida como tal, passa a ser sustentada pela ideologia cientificista, que, através da escola e dos meios de comunicação de massa, desemboca na mitologia cientificista”. Tal cientificismo não se limita, entretanto, ao chamado conhecimento vulgar, muito antes pelo contrário! É o próprio “deuscientista” que ao mitificar seu conhecimento, reconhecendo o poder que este lhe oferece e lhe confere, limita a verdade ao exclusivismo do seu próprio fazer, colaborando para a manutenção do *status quo* dominante.

Alberto Lins Caldas (1999, p. 45) ressalta que: “A ciência é a mais pura expressão, no âmbito do conhecimento, da Razão do Capital. Sua funcionalidade é estritamente instrumental, sua lógica é castradora, sua maneira de desenvolvimento é fragmentária: do objeto ao obje-



to". Segundo ele: "A ciência não tem razão, somente um tipo de lógica que, por suas similaridades com a lógica do capital, se pretende não somente a única razão, mas a Razão. Ela reproduz falsamente a interioridade do pensamento. Com isso pode excluir as partes perigosas, exóticas, monstruosas, incoerentes, insatisfeitas, revoltadas e inesperadas do próprio pensamento" (p.45). Segue ele: "A ciência cria os objetos, as futuras necessidades e o sistema, tanto científico como do senso comum, que explicam tudo. É a serpente que morde a cauda e se devora. Não têm ética e não poderia ter. A ciência é o mediador entre o consumo e as formas futuras de consumo" (p. 47). Para Caldas, "a mentalidade científica é idêntica à mentalidade mercantil" (p. 46). Nota-se que ambas propõe alterar e transformar uma natureza "imperfeita", pois estão fundamentadas em valores, que não os do significado da vida. Além disso, estão diretamente interligadas, sendo quase impossível imaginar uma sem a outra. A ciência alimenta e é alimentada pelo capital, fornece novas tecnologias para a expropriação de novos capitais que serão reinvestidos em novas tecnologias de dominação, reais ou simbólicas.

As luzes a partir do século XIX, vão simplesmente aprimorar o modelo, não rompendo com o mesmo. Ao homem é conferido um lugar na história, "descobre-se" a historicidade do homem, da sociedade, das artes, das ciências. Hegel ao conceber o homem como um ser histórico possibilitou o surgimento da idéia de progresso (os seres humanos, as sociedades, as ciências, as artes e as técnicas melhoram com o passar do tempo, o presente é melhor e superior ao passado, e o futuro será melhor e superior ao presente!). Esta idéia serviu de justificativa para legitimar o colonialismo e o imperialismo; e ainda serve para justificar a expansão econômica e cultural globalizada que vivenciamos, apoiada pelo universo midiático! Mas a história também é, por força de sua especificidade, o falso lugar da unidade, dos acontecimentos e do tempo. Ao ser narrada, é narrada a partir do olhar cultural ocidental. Basta observarmos a validade da divisão dos períodos históricos, sistematizados a partir da perspectiva europeia. Da mesma forma a cartografia atual, simbolicamente reproduz o poder da linha acima do Equador! E isto é reproduzido, ainda

que saibamos que a terra é um geóide e os mapas poderiam ser outros, com relevância a partir da cultura que o produz!

A ciência dá fundamento ao próprio modelo capitalista ao desenvolver as forças produtivas e servindo de parâmetro para validar a realidade das coisas. Por isso a necessidade de um diálogo intercultural, para que o ocidente conceba o mundo além do seu olhar, assim "aumentando a consciência da sua incompletude e que o todo representará a completude" (Boaventura, 1º. FSM). Porém, o exacerbado individualismo provocado pelo modelo capitalista de concorrência, impede a percepção de incompletude o que se coloca novamente de forma dicotômica e polarizada (do sim e do não)².

Se ao longo do século XX, houve uma crítica muito grande em relação a esta perspectiva, e se recuperou a idéia de descontinuidade histórica, a prática científica não corresponde a esta crítica. A questão é que ao absolutizarmos a expansão global de capitais, percebendo somente a homogeneização, invisibilizamos a diversidade, produzindo e buscando a ordem, o homogêneo. Não convivemos bem com o caos, por isso formatamos e enquadramos o que vemos de acordo com esse nosso esquema ocidental. O sim e o não, a partir da lógica dominante. O não é absolutamente conservador, pois preserva formas pré-estabelecidas, logicamente o sim também o é, pois ratifica a forma pré-estabelecida, trabalhando com extremos. Na lógica ocidental só há espaço para o preto ou para o branco, o esquema mental limitado só vê, dominadores e dominados, proprietários ou não proprietários, não existem outras cores, pois percebemos o mundo a partir da polarização dicotômica da sociedade capitalista, cujo eixo deve ser esse para sua própria manutenção.

Então, enquanto permanecermos com nosso padrão mental, baseado simplesmente no sim e no não, limitaremos nossas alternativas na busca de soluções. Caminharemos sempre no labirinto do minotauro, sem percebermos quantos fios de Ariadne existem no caminho.

Não existem apenas dominadores e dominados. Existem escolhas criativas que fogem desta lógica e que simplesmente não têm espa-

² O autor que trabalha com essa questão sobre outra perspectiva é Edward de Bono, o criador do método do pensamento lateral.



ço para se apresentarem como reais, pois os discursos recorrentes, de todas as bandeiras políticas narram a existência do excluído e ao fazê-lo vitimizam aqueles que podem não se identificar como tal.

Além disto, nos meios acadêmicos, produtores por excelência do conhecimento e do saber, não é permitida a emergência de gênios para o século XXI. A lógica educacional que se estende para os ambientes universitários engessou e petrificou o modo de fazer emergir o conhecimento e sua produção. O exercício do conhecimento para alguns é a forma periférica, muitas vezes adotada, de exercício de reprodução de/do poder, constituindo-se este conhecimento nas diferentes áreas do saber, como a única verdade, ou único viés explicativo do real, convergindo esta prática acadêmica com o pensamento único global.

Como podemos elaborar uma crítica ao projeto globalizante, quando estamos nós mesmos assentados em nossas certezas científicas, em teorias e métodos muitas vezes circulares que somente vêm ratificar a previsibilidade das hipóteses? Como desenvolver o pensamento crítico se nossos modelos de perguntas e respostas já dadas são apenas reproduzidos *ad infinitum*? Para quê perguntamos o que já sabemos? Hoje o desenvolvimento tecnológico e científico permite que avancemos para além de perguntas cujas respostas já sabemos! O computador com seus *hardware* e *software* faz isso, devido aos avanços tecnológicos estamos em condições de criativamente fazermos perguntas que questionem inicialmente o nosso próprio fazer, seja em sala de aula, na relação com os alunos; seja no cotidiano vivido. A partir da autocrítica de nossa própria história poderemos ao depararmos com os nossos mitos e ritos, reconhecer os deuses que criamos, promovendo então uma “revolução” que eu chamo de *biocêntrica*.

Criei esta terminologia para denominar uma possibilidade. Por que biocêntrica? Tivemos um período em que predominou o teocentrismo; entretanto, com a chamada crise do feudalismo, houve uma lenta transformação da forma de produzir, bem como na perspectiva de acumulação. A ascensão econômica dos comerciantes/mercadores desde a baixa idade média até sua constituição como classe, no final do

século XVIII, foi marcada por escolhas e opções, não mais centradas em Deus, mas no homem; homem europeu e “civilizado”, que movido pela ambição e ganância, iniciou um processo de etnocídio e genocídio jamais visto. Lemos nos manuais de história que o europeu civilizado “expande-se”, é o expansionismo marítimo que invade a África e a América dizimando culturas! A esta escolha, ensejada também pelo desenvolvimento de tecnologias e da ciência, chama-se capitalismo, em suas diferentes “fases”. Podemos constatar nos manuais de história, a positividade retórica com que são narrados estes fatos (de forma linear, seqüencial e progressista) até finalmente haver a consagração do homem como centro do universo, através da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Mas quem é este homem que tem seus direitos assegurados? O homem burguês, que promoveu sua revolução ocupando o poder no e do Estado. O Antropocentrismo vem sendo superado, pois além daquele homem predador e autocentrado na acumulação e lucratividade a qualquer preço, existem outros homens. Hoje a crise paradigmática em que vivemos, coloca em cheque justamente esta prática; emerge neste processo a consciência para além do *antropos*; é a conscientização da interdependência de todos os seres vivos do planeta; inicialmente no plano mental para depois atingir o comportamental. Desta perspectiva, anuncia-se outro tempo, o do que batizei – Biocentrismo.

Comungo da mesma idéia de Boaventura de Souza Santos quando ele propõe um diálogo do senso comum com o conhecimento científico, a dimensão utópica e sonhadora daquele pode ser libertadora a partir da interação das formas de conhecimento, cada qual com sua verdade relativa. Quando estabelecemos esse diálogo com nossos alunos? Em que medida permitimos que a “dimensão utópica e sonhadora” de nossos alunos interaja com a forma denominada de conhecimento científico? Para que seja possível esse diálogo, penso, os professores/cientistas nas mais diversas áreas, especialmente das humanas, deveriam romper com a concepção cultural dominante da imposição da escrita sobre a oralidade, romper com a prática acadêmica que pensa deter verdades científicas superiores e melhores que outras formas de conhecimento, e finalmente romper com a sub-



missão do império do visível, marca atual do modelo econômico e padrão mental da sociedade ocidental. Mas o que acontece em geral: “Na academia, o saber muitas vezes torna-se propriedade de alguns, porque ele hierarquiza e dá legitimidade àquele que acumula títulos, autorizando-o até mesmo a desqualificar o que não porta título algum, mesmo quando o conhecimento que este expõe autorize seu reconhecimento. Raros são os que, à revelia dos lugares ocupados, compartilham seu conhecimento, que compõem com o outro suas relações. Com isso, o mais das vezes, a identidade *poder e saber* acaba por conferir ao conhecimento a mesma forma estéril do orgulho narcísico daquele que o detém.” (Rodrigues).

Este ensaio pretende sinalizar alguns aspectos da história imediata no tocante aos grupos sociais incluídos no modelo, ou seja, aqueles que vivenciam quotidianamente os efeitos da proposta cultural globalizante propagada pelas mídias (aliás, este projeto é falsamente internacionalista, como bem nos lembrou Tariq Ali (Paquistão – 1º. FSM), quando afirmou um decréscimo de 80% no número de traduções nos últimos 20 anos).

A propagação através da televisão, da imposição de uma única visão (representação) que é hegemônica objetiva a homogeneização dos hábitos e costumes; a propagação da ideologia consumista, expressão capitalista em sua versão neoliberal compõe o processo desta globalização. Esta mesma mídia que propaga o pensamento único, oculta em maior profundidade as guerras, as doenças, a miséria, a pobreza, a violência, as regiões, os sonhos e desejos dos outros.

Nesta perspectiva, a história está reduzida à informação (meios de comunicação de massa), e o homem individualizado perde sua condição de humano e transforma-se simplesmente em usuário, seja na função de passageiro ou consumidor – cliente, para usar terminologia recorrente. Interpõem-se ao homem somente textos e imagens (outdoors, discos, vídeos, TVs, etc.), e é através desse filtro que o homem vê o mundo. Este homem solitário é o cidadão consumidor do século XXI. Resulta transfigurado o homem enquanto animal político³. A onipresença da

mídia produz um fenômeno social, pois, implica em uma “revolução cultural” profunda onde a homogeneização (ainda que não hegemônica) dos gostos, dos hábitos, etc., atende ao projeto de dominação de mercados.

Se observarmos a atual situação política, econômica e social nas antigas colônias ibéricas na América, constatamos que, de fato, o processo de consolidação dos “Estados Nacionais” foi historicamente excludente, com limitada participação social. Hoje este mesmo Estado, reduzido em nosso contexto, à migalhas; limita-se a promover uma política absolutamente permissiva aos interesses de mercado. No atual movimento de integração de mercados, Países com um passado colonial, têm suas fronteiras abertas à mercê do mercado internacional, pois há anuência, ou mesmo, incapacidade política dos Estados em oferecer alternativas. Este espaço se torna um espaço possível para outras representações (mídia) – que se ocupam da construção do “outro” no mesmo, formatando padrão homogêneo de identidade.

Quem domina a propagação desta idéia são os meios de comunicação e mídias em geral, seja através de sua produção como da publicidade veiculada. A sensação que se tem é que esta realidade é “a realidade”; e como ela é alimentada diariamente, todos acreditamos na “aldeia global” para todos. O problema é que a presença constante e diária das mídias e da propaganda voltada à venda de um produto e também de um modelo de vida, é hegemônica para os segmentos incluídos; o poder de compra real não é homogêneo, antes, é limitado. Dissemina-se um ideal de sociedade inatingível na prática, primeiro porque a maioria não pode ser consumidora, segundo, se pudesse ser, não haveria produção nem recursos naturais para tal. Entretanto, imaginariamente parece que muitos acreditam nessa possibilidade e por isso, muitas vezes, enquadram suas práticas tendo como norte esse ideal. O que vem ratificar o projeto capitalista.

Ao verificarmos as estimativas mundiais, e seus indicadores observamos uma tendência acentuada de concentração de capitais: Até o ano 2050, a população mundial, hoje de 6 bilhões de habitantes, vai saltar para quase 10 bilhões, com 90% dos nascimentos no Terceiro Mundo (mais de 30% da população mundial

³ Tema desenvolvido durante apresentação no 50o. Congresso de Americanistas em Varsóvia/2000.



ainda não dispõe de alimentação adequada. (Revista Rumos - set/98).

Em todo o mundo, 25 milhões de pessoas caem a cada ano para baixo do nível de pobreza e 1 bilhão e 300 milhões de pessoas vivem com menos de 1 dólar por dia. Em 1998, 620 milhões de crianças não estavam na escola e mais da metade nem tem acesso à escola. Quanto aos adultos, existe mais de 1 bilhão de analfabetos no mundo e este número está crescendo. Quanto à fome no mundo, as últimas estimativas são: "De cada cinco seres humanos dois são mal nutridos". No Brasil, cerca de 13 milhões de pessoas vivem nas favelas. Quanto aos meninos de rua, temos no país em torno de 8 milhões de crianças abandonadas, destas entre 1 e 2 milhões vivem permanentemente nas ruas envolvidos com prostituição, drogas, e pequenos furtos.

No universo de algumas mídias, os dados são significativos: Aparelhos de TV no Brasil: 1995 = 31.600.000. Já em relação ao número de usuários da internet os últimos indicadores colhidos (abril/99) são significativos, e apontam para os EUA, Canadá e Europa com um total de 130,72 milhões de usuários, enquanto Ásia, África, América Latina e Leste Europeu totalizam 34,71 milhões.

Em relação ao mundo do trabalho, somando-se os contingentes de desempregados e de subempregados em todo o mundo, chega-se perto de 1 bilhão de pessoas. Ou seja: aproximadamente, 30 % de toda a força mundial de trabalho. O Brasil, de acordo com os dados IBGE (1999) tinha 7,7 milhões de pessoas sem trabalho, ficando atrás da Rússia, com 9,1 milhões de pessoas sem emprego, e da Índia com quase 40 milhões.

A questão, a saber, é se o grupo incluído no sistema tem sobrevivido imaginando um futuro melhor, projetando nele o reflexo da imagem midiática ou estes atores podem perceber que os sonhos não têm fim no mundo das imagens mercantilizadas do consumo e por esta razão propõem, alternativas de resistência ao projeto de virtualização da vida?

Em relação ao grupo fora do eixo globalizante, portanto fora do alcance dos sonhos burgueses, modernos e pós-modernos; a questão é saber em que medida estão inventando o seu

mundo e que mundo é este? Talvez um mundo cuja racionalidade não seja a supremacia do capitalismo e os sonhos não correspondam aos sonhos burgueses de consumo, um mundo que invisibilizamos ao absolutizarmos a globalização, um mundo que ao não se tornar "real" através do universo midiático, mesmo assim, exista.

Finalmente quero deixar registrado que não podemos globalizar a globalização. Os dados da UNESCO, as fotos de Sebastião Salgado e o próprio cotidiano, por exemplo, demonstram que homogênea e crescente é a miséria e o extermínio cultural e físico de milhões e mesmo bilhões de pessoas no mundo que vivem entre as margens do eixo globalizante ou globalizável. Mas este expressivo número também pode estar criando ou vivendo num outro tempo, num outro padrão que muitas vezes nossos olhos não percebem, pois vemos a partir de um olhar que vê uma parte e crê que esta é o todo.

A opção feita pelos homens, movida pela ganância e ambição, iniciada pelo menos desde o século XII, como já referimos, provocou e tem provocado sistematicamente a dizimação da vida no planeta, da vida de homens e de outras formas de vida. Acredito que somente o resgate de nossa consciência histórica, ou seja, de nossa própria historicidade aqui e agora, numa perspectiva sistêmica, e a conseqüente mudança comportamental, possa transformar nossa crítica em coerência, alinhando assim, nosso discurso, seja em sala de aula ou não, com nossa prática. Vale finalmente ressaltar que chegamos a um momento onde novas perguntas se impõem. Nas palavras de Boaventura de Souza Santos (1987. p. 8): "Estamos de novo regressados à necessidade de perguntar pelas relações entre a ciência e a virtude, pelo valor do conhecimento dito ordinário ou vulgar que nós, sujeitos individuais ou coletivos, criamos e usamos para dar sentido às nossas práticas e que a ciência teima em considerar irrelevante, ilusório e falso; e temos finalmente de perguntar pelo papel de todo o conhecimento científico acumulado no enriquecimento ou no empobrecimento prático das nossas vidas, ou seja, pelo contributo positivo ou negativo da ciência para a nossa felicidade".



REFERÊNCIAS

- AUGÈ, Marc. *O Sentido dos Outros*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- CALDAS, Alberto Lins. *Oralidade. Texto e história – para ler a história oral*. São Paulo: Loyola, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1997.
- GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.
- RODRIGUES, Valter A. Poder e [im]potência da mídia: a alegria dos homens tristes. Disponível em: < <http://www.oestrangeiro.cjb.net/> > . Acesso em: 03abr. 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um Discurso sobre as Ciências*. 11. ed. Porto: Afrontamento, 1999.
- SARLO, Beatriz. *Cenas da vida pós-moderna. Intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

